

Cada numero contém sempre uma obra completa



Aventuras extraordinarias d'um policia secreta ~ ~

DRAMA NUM BALÃO

N.º 60



... agarrou-se fortemente ao anel do mesmo, e dum salto
lançou-se no espaço

EMPRESA LITERARIA UNIVERSAL

RUA DA ERA, 17 — LISBOA

Esc. 1\$00

Wm 85-169406

DRAMA NUM BALAO

ALD

823.91

D598.99

P47

K. 9

no. 60

Drama num balão

O almoço interrompido

— Senhores, senhores, o almoço está arrefecendo disse miss Bonnet, a digna governanta do grande detective Sherlock Holmes, dirigindo-se a este e ao seu fiel amigo e ajudante, Harry Taxon.

Mal humorada, a boa velha chegou depois, duas cadeiras para a mesa onde estava servindo o chá, torradas, ovos quentes, manteiga e presunto, mas as suas queixas de nada serviam, porque os dois continuavam apoiados ao parapeito da janela, pouco dispostos, segundo parecia, a abandonarem a leitura em que estavam abismados.

Por fim, vendo miss Bonnet a impassibilidade do detective começou de novo os seus lamentos:

— Mas, meu Deus! Esses jornais vão transtornar-lhe o cérebro!

«Não estranhe, sr. Holmes, que algum dia deixe de entregar-lhe o correio da manhã, ou pelo menos, que o retenha em meu poder até depois do almoço. Já parece história isso de todos os dias se atirarem furiosamente aos jornais, á procura de novas notícias esquecendo completamente tudo o que os rodeia...»

— Tem razão, miss Bonnet — respondeu Holmes com um sorriso. — Está no seu direito de nos fazer censuras e compreendo o seu aborrecimento.

«Prometo-lhe, que de hoje para o futuro não lhe daremos mais esse desgosto.

Dizendo isto, assentou se o detective na sua cadeira, e convidou Harry a fazer o mesmo.

Efectivamente, é uma falta imperdoável a que cometemos, amigo Taxon, desprezando esta mesa, preparada com tanto esmero.

Sherlock Holmes principiou a beber o chá.

— Oiça, miss Bonnet — principiou de novo. — Tenha a certeza de que não ha outro homem no mundo, que melhor saiba apreciar do que eu, os seus carinhosos serviços, mas eu desejaria fazer-lhe compreender que a minha profissão me traz suma-

mente preocupado e atarefado de fôrma que não é para estranhar que em certos momentos, não lhe dedique a atenção que merece.

«Hoje está succedendo o mesmo que sempre.

Apostava que o dia de hoje vai ser pródigo em trabalho para mim. Este assalto ao Banco Lombard-street.

— É inverosímil, é espantoso — interrompeu Harry Taxon, que de novo se tinha apoderado dos jornais.

— Também tenho a certeza de que este assunto é já nosso.

«Oh! com os de Scotland Iard não se pode contar, como sabemos por dolorosa experiencia; especialmente Holk, o famoso Holk parece estar condemnado a não dar uma para a frente. Não servem para nada.

— Que estão a dizer? exclamou a velha alarmada. — Assaltaram um banco?

— Em Lombard-street?

— Meu Deus! Será o do meu amigo Edgar Forster?

— Precisamente. Roubaram-lhe a soma de trinta mil libras esterlinas, o que representa uma perda sensível, mais para o descrédito do estabelecimento do que para a situação financeira própria mente dita. É na realidade muito sensível que estas noticias se espalhem logo aos quatro ventos. O pobre mr. Forster parece estar quasi a perder o juizo, como de resto succede a todos que se encontram em tão dolorosos casos. Teria sido muito melhor para os seus próprios interesses, terem guardado absoluto segredo sobre o occorrido!

— Mas, como poderam penetrar nos escritorios do Banco?

— Nada se sabe ainda a esse respeito. Até aqui, permanece envolvida em mistério a explicação do succedido — respondeu Holmes.

É também bastante incompreensível — acrescentou depois de uma breve pausa — a desaparicação do caixa. Leia a senhora mesmo os extensos artigos da imprensa... Mas parece que batem á porta. Provavelmente a primeira visita que se relaciona com o roubo.

Miss Bonnet foi em seguida abrir a porta.

Dá a pouco, pensava no quarto onde se encontrava o detective, um sujeito de idade avançada e vestido elegantemente.

Bons dias, sr. Holmes disse inclinando-se.

«Deve ter já adivinhado o motivo da minha visita, porque creio que terá lido alguma coisa acerca do escandaloso roubo cometido no Banco de Lombard-street, não é verdade?»

— Ha poucos minutos que li, mr. Crimson, e pela sua visita, deduzo que o Banco estava seguro na sua Companhia, não é isto?

— Justamente; e o mais penoso para nós, é que teremos de entregar ao Banco a quantia de vinte mil libras esterlinas, o que como o sr. compreende, não é uma insignificancia, mesmo tratando-se da Companhia de Seguros «Assistance», cuja solvença está fóra de toda a dúvida.

Em seguida ao ter recebido o aviso, o meu director pediu-me para vir vê-lo, pois apesar de saber que o sr. Helmes não aceita recompensa nem honorario algum pelos seus valiosos trabalhos, confia que o senhor não deixará de occupar-se do nosso assunto.

— De fóрма que — respondeu Sherlock Holmes — até ao presente, nada se sabe ainda a respeito dos ladrões?

Nada absolutamente. Tudo são meras suposições, e tal como se apresenta o assunto, ha desgraçadamente poucas probabilidades de recuperar o produto do roubo.

— Esteve o senhor em Lombard-street?

— Sim senhor; e posso dizer-lhe que mr. Forster perdeu por completo a sua tranquillidade habitual; parece que enlouquece, e precisamente, falando com elle, disse comigo que se haveria alguém capaz de pôr a claro este assunto, seria o sr. Holmes, e por minha parte terei ocasião de comprovar mais uma vez a impericia e inutilidade dos de Scotiand Iard; êsses são capazes de ir ao bosque buscar lenha e voltarem sem ela. Calcule que eu mesmo tive que o aconselhar a principiarem as pequizas.

— O que é certo, é que o caso parece apresentar-se duma maneira muito embrulhada.

— Isso é que todos dizemos, e exactamente por isso, tenho a certeza de que excitará mais o seu amor próprio, sr. Holmes.

— Não digo o contrario.

— Nêsse caso, posso dizer ao meu chefe que aceita a missão de tomar o caso á sua conta? — perguntou com vivacidade o empregado da companhia de seguros.

— Não vejo inconveniente — respondeu lentamente o detective — ainda que por outro lado, não gosto de misturar-me em assuntos em que já intervenha a policia official.

— Isso não deve preoccupa-lo. Êsses senhores não tardarão a solicitar a sua cooperação, pois sabem muito bem que devem a si todos os seus exi-

tos. O próprio Forster, deu a entender ao commissario de policia, diante de mim, que contava com o seu apoio. Além disso, permita que lhe diga, sr. Sherlock Holmes, que o director da Companhia, offereceu uma recompensa de 3.000 libras esterlinas a quem restituia ao Banco tudo o que foi roubado. Faça-lhe esta advertencia, sabendo perfeitamente que o prêmio offerecido em nada pôde influir na sua decisão.

— Muito bem, mr. Crimson — respondeu o detective — Vejo com satisfação que toma todo o interesse possivel a favor da Companhia que representa nêste momento. Pôde dizer ao seu chefe que me occuparei do assunto, que me interessa, e vou desde já, dar principio ás minhas diligencias.

Apenas tinha o detective acabado de pronunciar estas palavras, ouviu tocar a campainha do telefone no quarto contiguo.

O detective pôz o auscultador no ouvido para saber quem chamava:

— Sou Sherlock Holmes; quem fala?

— O banqueiro Forster, de Lombard-street. Está o sr. livre nêste momento?

— No mesmo instante, se deseja falar-me.

— Sendo assim, suplico-lhe que se sirva vir vêr-me já. Talvez já o informaram...

— Sim; do roubo.

— Bem; pois então fico-o esperando.

Poucos momentos depois, pegou na bengala e no chapéu, e despediu-se do seu companheiro Harry Taxon e de miss Bonnet, a qual principiou outra vez com os seus lamentos, pelo pouco cuidado com que seu amo tratava da saude.

Dá a poucos minutos ajeava-se Holmes do electrico, em frente do banco.

Uma prova?

Ao chegar a casa do banqueiro Forster, na Lombard-street, o roubado veio-lhe ao encontro, pois estava-o esperando com impaciencia.

Folgo imenso de o vêr, sr. Holmes, — exclamou o desesperado banqueiro, apertando a mão ao recém-chegado — e agradeço a prontidão com que cedeu á minha súplica!

«Confio na sua boa estrela sr. Holmes, e fico aliviado dum grande pêso, sabendo que o sr. se occupa dêste assunto. Tenha a bondade de me seguir até ao escriptorio, onde poderei com mais liberdade pô-lo ao corrente do misterioso successo.

«Deseja primeiramente tomar um copo de cogaña — que ou de whisky?

— Preferia francamente que me offerecesse um charuto. «Escuto-o, e peço-lhe o favor de relatar o mais importante e no menor numero de palavras.

— Farei a máxima diligencia por conseguilo — respondeu Forster sorrindo; — mas tenho a certeza de o não conseguir porque estou muito nervoso.

Tomaram ambos assentos em ricos e cómodos fauteuils.

— Sr. Holmes — começou o roubado, homem de figura arrogante com apparencia duns quarenta e cinco annos.

«A perda material que o roubo representa para mim, não é insuportavel nem ruinosa, pois tenho um seguro na «Assistance» por 25.000 libras esterlinas, que me serão reembolsadas, resultando assim uma perda real de 5.000 libras que não é uma quantia insignificante, mas tambem não é alarmante. O que mais me dói, é ter sido enganado vilmente por aquele a quem tinha precisamente depositado toda a confiança; este abuso, esta burla é o que eu sinto deveras.

«Os cavalheiros que me quero referir, eram antigos amigos.

«Mr. Carlos Rusk, um dêps, era o primeiro empregado, e trabalhava na minha casa ha mais de 15 annos; quasi poderia dizer que nos criámos juntos dentro destas paredes.

«Devo confessar que durante os largos annos que com zelo e probidade tem desempenhado as suas funções, não deu menor motivo que seja em nenhum sentido, e mesmo neste momento, luto comigo mesmo, para render-me á evidencia, duvidando ainda da sua complicitade, que me parece um absurdo, um sonho.

«O outro sobre quem recaem suspeitas, disfrutava uma confiança quasi igual, no meu estabelecimento bancario. Era Mr. Hugh Franklin, jovem de trinta annos.

«Estava empregado na casa, havia cinco annos.

«Depois de fechar o escritório, ontem á noite, os dois ficaram ainda.

«Nesta epoca do anno temos sempre muito que fazer

«Mr. Rusk, o empregado principal, tencionava, como já o tinha feito muitas outras vezes, trabalhar durante toda a noite, para terminar os seus trabalhos, pois ámanhã por ser o primeiro dia do trimestre, abunda muito trabalho da caixa.

«Mr. Franklin, ficou para o ajudar durante algumas horas.

«Pois bem, calcule, sr. Holmes, qual não seria a minha surpresa, quando esta manhã encontrei nesta mesma casa a filha de Mr. Rusk, que me perguntava pelo pai.

«A rapariga supunha que eu o tivesse mandado a alguma parte com urgencia.

«Escusado será dizer que a familia Rusk estava inquieta por ver que o empregado não tinha chegado a casa entre as cinco e as seis horas da manhã, hora a que o mais tardar, se retirava quando o serviço apertava.

«Eu mesmo o obrigava a retirar-se para poder descansar algumas horas.

«Miss Margarida, a filha, que julgava ir encontrar o seu pai no escritório, sofreu naturalmente um desengano, quando lhe disse que não estava cá.

«Supondo então que por qualquer motivo mr. Rusk tivesse ido a casa do seu ajudante, mandei immediatamente um empregado a casa de mr. Franklin perguntar por este e por mr. Rusk.

«Mr. Franklin não estava em casa.

«Isto surpreendeu-me fortemente.

«Não tinha ainda conhecimento do roubo, e portanto não podia de forma alguma suspeitar que esta súbita desapareição de ambos se relacionava com elle.

«Não dei conta do sucedido, senão esta manhã quando veio um cliente para tornar efectiva uma grande quantia, que me obrigou a descer aos subterraneos para buscar a soma desejada.

«Quer ter a bondade de seguir-me ao mesmo subterraneo para lhe mostrar onde estão os cofres fortes?

Levantaram-se ambos e dirigiram-se ao subterraneo, pequeno recinto de grossas paredes, que communicava com o escritório, por meio de uma escada.

— Veja sr. Holmes disse mr. Forster, apontando para o logar onde estava um dos cofres — aqui deviam estar hontem de tarde 30.000 libras esterlinas, e além disso, comquanto os jornais não o saibam, várias joias que representavam uma soma igual.

— Joias tambem? — perguntou o detective surprehendido.

Sim, senhor; não quiz dizer nada disto, mas o que é facto, é que estavam guardadas aqui. Lord Pector tinha-mas entregado antes de emprender uma viagem ao estrangeiro, para que as guardasse no meu cofre.

Ao pronunciar estas palavras, a voz de Mr. Forster tremia pela grande comoção que o embargava.

— Isto é o que mais me desespera, sr. Holmes, o roubo das joias.

Onde terão elas ido parar e tambem o dinheiro?

— Acalme-se, acalme-se, Mr. Forster — exclamou o detective. Antes de nos aventurarmos a fazer suposições vamos a vêr como foi aberta a fechadura.

Holmes chegou-se ao cofre, e inspecionou-o detidamente.

— Aqui não se vê o menor vestígio de violencia.

— Isso é o que me torna perplexo — respondeu Mr. Forster. Esta fechadura é provida de uma combinação especial, e de tal maneira disposta, que aquele que não a conheça, não terá possibilidade de a abrir.

— Conheço esta espécie de fechaduras, — respondeu o detective — mas em vista da grande diversidade de detalhes que existem, agradeço-lhe, tendo a bondade de dizer-me como esta se abre.

— Com muito gosto, sr. Holmes: faça o favor de se aproximar.

Vê aqui, do lado da porta estes três buracos onde se vêem placas de cristal com números?

— Com efeito, vejo-os.

— Pois então, olhe.

Mediante êste botão, posso fazer aparecer dez vezes seguidas os números de um a dez, incluindo o zero.

Para abrir o cofre, tenho que fazer aparecer o número 300 porque é esta a cifra que marcavam as placas a última vez que foi fechada.

O banqueiro acionou o botão movendo as placas, até obter o número desejado, em cujo momento a porta ficou silenciosamente aberta.

— No mesmo estado em que agora aparece, encontrei o cofre esta manhã; completamente vazio. Os patifes não deixaram um só documento nem uma joia.

— Isso nada tem de particular—respondeu secretamente o detective—o que é mais difícil de compreender, é como puderam abrir êste cofre.

Conheciam os ladrões o número com que o senhor fechou ontem o cofre?

Está certo de que o conheciam ambos os empregados?

— As circumstancias parecem denotar que o sabiam.

— Comunicou o senhor o número a algum empregado?

— Não pensei em cometer uma tal indiscreção.

— Não o poderiam ter adivinhado?

— Parece-me muito difícil, sr. Holmes.

Eu mesmo costumava tomar sempre nota do número num livrinho, visto que sabia, que se por desgraça o esquecesse algum dia, já não poderia abrir o cofre.

— Onde guarda o senhor êsse livrinho?

— Quando me deito, ponho-o na mesa de cabeceira, e durante o dia, trago-o sempre no bolso.

— E não o tirava senão quando tinha necessidade de abrir o cofre.

— Exactamente.

— Apesar de tudo, não é possível que em qualquer outra ocasião o tenha tirado. Admitamos que os ladrões se apoderaram do livrinho. Te-lo-ia o segundo empregado? Suponho que o senhor terá averiguado o seu paradeiro.

— Assim é, com efeito, respondeu mr. Forster. «Mr. Franklin diz que esteve trabalhando até à meia noite, e que saiu pouco depois do escritório, encontrando o livrinho a meio da rua, quando se dirigia, com a sua querida, para a casa desta.

Quando, esta manhã, às 7 horas foi detido em casa da citada mulher, tinha o livrinho na algibeira, mas quando o juiz o recriminou por haver cometido o roubo em companhia do primeiro empregado, Franklin protestou com energia, dizendo que nada sabia relativamente ao sucedido, e mostrando pelo mesmo a maior surpresa.

Por todos os santos do céu e por todos os diabos do inferno, jura e perjura estar inocente do crime que lhe imputam, e assegura que tanto êle como Rusk, haviam ignorado até ao presente a exis-

tencia do dito livrinho, e que nem um nem outro tiveram a menor participação no sucedido que, segundo disse, lhe repugna.

— O que sabe Franklin a respeito do seu companheiro?

— Disse que depois da meia noite, hora a que se despediram, não tornou a saber dele.

— Estiveram os dois sós no escritório durante a noite?

— Não; o porteiro e o moço, estavam de guarda, como de costume.

— Sabem êstes a que hora se foi embora o primeiro empregado?

— Não sabem absolutamente nada, por mais estranho que pareça. O porteiro e o moço coincidem em dizer que dava meia noite quando viram sair mr. Franklin, mas não podem dizer como nem quando saiu mr. Rusk. Tanto assim, que, vendo êles esta manhã a luz acesa no escritório da caixa e as janelas fechadas, julgaram que mr. Rusk ainda estava trabalhando, e ficaram surpreendidos de não o verem à hora do costume, quando se abriu o banco. Mr. Rusk devia ter passado por diante de um deles, visto que a caixa só tem duas saídas, mas não persistem em afirmar diante da policia, que não o viram passar.

Sherlock Holmes, ficou um momento pensativo, e depois exclamou;

— Com certeza não se volatilizou. . .

A unica hipotese, é que haja outra saída secreta.

— Não ha. Estou bem seguro de que, alem das janelas e das duas portas, não ha outra saída, respondeu o banqueiro.

Não diga isso com tanta convicção, mr. Forster, respondeu o detective. Nesta casa pôde existir algum subterraneo ou galeria desconhecida.

Voltarei quando o Sr. estiver só no escritório e passarei uma inspecção rigorosa ao local, principalmente ao subterraneo. Por agora, vou dirigir-me à delegação da policia, para interrogar o ajudante do caixa.

A proposta, mr. Forster. Como sabe que êsse mr. Franklin se encontrava em casa da sua querida?

— Um outro dos meus empregados, mr. Brandon, encontrou-o hontem à noite na rua, juntamente com a jovem, seguindo com êles até à casa desta. Já outras vezes os tinha visto juntos.

— Perfeitamente. Êsse mr. Brandon está no escritório?

— Não, Mr. Holmes; desde hontem que tem licença e, esta manhã, depois de se ter despedido de mim, partiu de Londres.

Felizmente, antes da sua saída, poz-me ao corrente do seu encontro com Franklin.

— Sabe para onde se dirigia Brandon?

— Suponho que a Paris, onde creio que tem parentes. Mas, interessam-no tanto informações a seu respeito?

Sherlock Holmes encolheu os ombros, fingindo indiferença.

— Em casos semelhantes, disse, devem interessar ao detective todos aqueles que de uma maneira mais ou menos directa, intervieram nos acontecimentos, tenham tido relação com aqueles que são suspeitos de cumplicidade.

— Deseja mais alguns dados?

— Como se chama a jovem, em cuja casa foi preso esta manhã o ajudante de caixa?

— Se a memória me não falha, chama-se Mabel Sound.

— Onde mora?

— Na Jamesstreet, n.º 10.

— Em Jamesstreet? perguntou Holmes admirado.

Diabo! Esse é um dos bairros mais distintos e uma das ruas mais elegantes da capital. As casas ali, são verdadeiros palácios, e as rendas exorbitantes. Esse seu empregado ganha tanto que possa pagar uma casa tão luxuosa á sua querida?

— Regular; pago-lhes suficientemente bem, mas certamente não tanto que possam ter casa em Jamesstreet.

E' estranho!... Enfim, veremos, respondeu o detective que durante a conversa, tinha examinado varias vezes os subterraneos. Espero conhecer hoje não só mr. Franklin, como tambem a sua Dulcinea. Agora já podemos tornar a subir.

Já tinham dado alguns passos para a porta, quando se deteve de repente, para apanhar do chão um pequeno objecto que acabava de descobrir, e que guardou no bolso.

Mr. Forster, que precedia o grande detective, não deu conta do movimento. Chegando ao escritório, despediram-se. Alguns minutos depois, o detective ia a caminho do carcere.

Uma visita ao cárcere

Pouco trabalho custou a Sherlock Holmes obter autorisação para penetrar no calabouço que occupava o preso, ficando surpreendido de vêr que o tal Franklin, era um rapaz gentil, elegante e altamente simpático.

Franklin tinha um character franco, o que produziu boa impressão no animo do detective.

Depois da primeira impressão que lhe produziram os acontecimentos, o preso tinha podido reflectir no assunto, e parecia bastante tranquilo, apesar da sua situação,

Era evidente que o animava a convicção de que a sua detenção cessaria em breve, e ficaria bem depressa, plenamente demonstrada a sua inocencia, por isso suportava a sua sorte com bom humor.

Ao receber a visita do celebre detective, ainda se animou mais o jovem.

— E' um caso bastante misterioso, este de que me occupo, meu caro mr. Franklin, disse aquele assentando-se numa cadeira do calabouço. Diga-me

sem rodeios, que história é essa do livro de apontamentos de mr. Forster, que o sr. disse ter encontrado casualmente na rua.

Não se poderia ter dado o caso de o sr. o ter no bolso quando saíu do Banco?

Não estranhe esta pergunta; falando com franqueza, meu caro, o achado dum objecto que é a chave dos cofres do subterraneo do Banco, deve chamar poderosamente a atenção do homem mais neutro no assunto,

— Dou-lhe a minha palavra de honra que o encontrei na rua, senhor, respondeu o jovem, olhando fixamente o detective com uma expressão de tão franca sinceridade que Holmes não poudé duvidar da veracidade das suas palavras.

— Mas, quem teria perdido o livrinho? perguntou Sherlock Holmes, lançando ao preso um olhar penetrante.

— Essa pergunta sr. Holmes, a fiz a mim proprio repetidas vezes, não encontrando resposta. A unica hipotese, é que mr. Forster, o meu patrão, o perden.

— E' muito pouco provavel, respondeu o grande policia. Mas diga-me: com quem passou o sr. ontem á noite por defronte da casa do Banco?

Não ia consigo ninguém mais do que miss Sound?

— Ia um outro; um cavalheiro que conheci ha pouco tempo no café de Paris, esteve connosco no restaurante. Se bem me lembro, esse cavalheiro acompanhava-nos.

— O sr. disse «se bem me lembro»? perguntou vivamente o policia. Fala como se entre ontem á noite e hoje houvesse um intervalo de tempo consideravel. E'lhe assim tão infiel a memória?

— Geralmente, não, respondeu Franklin, mas quando o sr. souber que hontem á noite não tinha a cabeça bem segura, compreenderá perfeitamente as minhas palavras.

— Que quer o senhor dizer com isso?

— Que apostarei á cabeça como esse sr. Jacques Saillord, sempre disposto a fazer partidas, deitou algum narcotico no meu copo de whisky. Ao sair do restaurante e durante o caminho até á casa de Mabel senti-me muito fatigado,

— E apesar disso, teve bastante serenidade para descobrir e apoderar-se do livrinho?

— Vi-o por acaso.

— Ia esse sr. Saillord, como se achava o seu novo amigo, ao seu lado?

— Sim, senhor; ao meu lado.

— E que fez elle quando o senhor se abaixou para apanhar o livrinho?

— Creio que não se apercebeu disso; estava conversando animadamente com Mabel.

— E, assiduo concorrente do café de Paris?

— Sim, muito.

— Segundo tenho ouvido, é um estabelecimento concorrido especialmente por gente de vida alegre. Não é verdade? A esta intencionada pergunta, mr. Franklin tornou-se encarnado.

—É possível, respondeu, mas eu divertia-me muito ali.

—Compreendo que os jovens encontrem naquele lugar, um sítio de alegre divertimento. Mas diga-me uma coisa: foi ali que conheceu a sua amiga?

—Sim, senhor.

—Encontrou-a só ou acompanhada de outras pessoas?

—Acompanhada de Mr. Saillord.

—Nesse caso, devem conhecer-se os dois há já bastante tempo, hein?

—Sim: são patricios, segundo me disse Margarida.

—Não creio.

—Naturalmente o sr. disse isso porque os nomes de ambos não são franceses nem ingleses. Explica-se, porque segundo tenho ouvido, isto é, segundo me disse Mabel, o seu pai era inglês e a sua mãe francesa, mas ela nasceu e criou-se nas margens do Sena,

—Encontrava-se o sr. muitas vezes com ambos!

—Nestas ultimas semanas, sim.

—Crê o sr. que esse mr. Saillord seja um bom amigo? Que emprego tem?

—Não posso responder-lhe positivamente, mas pelas apparencias, julguei que vivia dos rendimentos, apesar de ser tão novo.

—Gasta muito dinheiro?

—Tem pouca importancia para elle, algumas moedas de ouro.

—Sabe se jogou alguma vez?

—Muito poucas, e quando o fêz, sempre ganhou.

—Bem; agora mr. Franklin, faça favor de me dizer a verdade: que especie de senhora é miss Mabel Young? É de supor que seja filha de pais muito ricos, como o seu amigo e compatriota Saillord... É preciso poder gastar uma dinheirama, para viver em James-street, e além disso não se tem que pensar só no aluguer, mas tambem que é preciso fazer muitas despesas, como vestir luxuosamente, e viver, enfim, com todas as comodidades.

«E miss Mabel paga tudo isso do seu bolso?

—Parece-me que sim.

—E tambem a importante renda do palacio onde mora?

—Assim me parece, conquanto, a dizer a verdade, nunca lhe perguntei nada a esse respeito.

—E o senhor não lhe entregava uma quantia fixa?

—Não, senhor: sómente algumas vezes pagava a conta no restaurante.

—Onde mora mr. Saillord?

—Recordo-me que me deu o nome dum hotel...

—E esse nome?

—... Esqueci-o, mr. Holmes: mas Mabel deve sabe-lo.

Bem: averigua-lo-hei sem ela.

—Parece, mr. Holmes, que o tal Saillord lhe interessa muito!

—Não o nego; e desejava que o senhor tivesse a bondade de me dizer mais algum antecedente acerca do mesmo: o aspecto que tem, a impressão que produz, se é alto ou baixo, grosso ou delgado, ruivo ou moreno; além disso, se tem alguns sinais particulares no seu fisico

—Saillord é um desses homens cuja impressão fica gravada naquella que o encontra pela primeira vez. E' de estatura baixa, mas muito largo de ombros. Usa a casa completamente rapada, o cabelo mais loiro do que ruivo e cocheia um pouco do pé esquerdo.

—E não reparou se tem algumas sardas proximo do dedo indicador da mão direita?

Mr. Franklin ficou admirado durante alguns momentos.

—Com effeito, sr. Holmes, respondeu por fim sem sair do seu assombro. Conhece o senhor, portanto mr. Saillord?

—E' possível: mas não importa. O que posso dizer-lhe desde lá, é que se esse mr. Saillord é o homem que me parece, está fóra de dúvida que o senhor teve muito pouca sorte em travar relações com elle.

A meu vêr, Saillord não foi um amigo sincero para si.

Estou convencido de que ontem á noite procurou embriaga-lo ou faze-lhe perder a razão ou a qualidade de pensar, momentaneamente, e não para encontrar um motivo para rir-se, mas sim com propósitos muito diversos.

O preso fixou os grandes olhos nos do detective como se não tivesse compreendido bem as palavras d'este.

—Não o duvide, proseguiu Holmes.

Parece que elle e a sua formosa compatriota formaram um complot contra si.

—Como é isso possível? exclamou mr. Franklin.

—Creio que o atraíram á casa da jovem, para que a policia o encontrasse ali, na manhã seguinte, com o livro comprometedor em seu poder.

O jovem Franklin soltou uma ligeira exclamação. Dispunha-se a responder qualquer coisa, mas o detective impediu-o de o fazer.

E pondo-lhe a mão em cima do ombro, disse com seriedade;

—Sim, meu caro Franklin, os seus falsos amigos lançaram-lhe uma rede.

Não é impossível que, quando passou ontem á noite por defronte do Banco de Lombardstreet, tivessem colocado o livrinho no chão, e disposto ás coisas com tanta habilidade que tivesse de o vêr, com o que não era difficil supôr que lhe acudisse a ideia de o apanhar, como efectivamente fez.

Não julga isto possível?

—Sim, sr. Holmes, tanto mais que, como já lhe disse, encontrava-me num estado em que não podia dar conta exacta em volta de mim.

Mas, como explica o senhor que Saillord tenha conseguido apoderar-se do famoso livrinho?

—Espero poder responder muito breve a essa pergunta.

Encontrou Saillord no café, quando lá chegou, depois de sair do escritório?

Não; havia uma hora ou mais que estava no dito café quando chegou Saillord, vindo sentar-se á mesa, onde estavam Mabel e eu.

Muito bem, respondeu Holmes sorrindo, esperava essa resposta. Agora peço-lhe que faça um esforço para se lembrar de tudo o que succedeu durante a noite.

Viu durante o tracto que vai desde o café até casa de Mabel, o seu companheiro de escritório, Arthur Brandon? Foi este que indicou á policia o seu paradeiro e portanto, a elle mais do que a ninguém, deve o senhor a sua detenção.

—Não, sr. Holmes, respondeu Franklin, pensativo, não me lembro de o ter visto... Mas sim... agora parece que me recordo, como se fosse um sonho vago, ter visto mr. Brandon... Poucos momentos antes de entrar em casa de Mabel, creio ter enxergado occulto nas sombras das casas, um homem que se parecia com mr. Brandon e que fez um sinal a mr. Saillord.

—Vê-se que esse sujeito é o terceiro cúmplice na intriga contra si, respondeu Sherlock Holmes. Sabe onde mora mr. Brandon?

—Sim, senhor; no hotel Howards, em Jermya-street.

—Muito próximo de James-street, e portanto da casa de Mabel Soug, exclamou o detective. Não deixa de ser interessante a coincidência. E diga-me: ha muito tempo que esse Brandon trabalha no Banco?

—Ha poucos anos.

—E o chefe tem-o em bom conceito?

—Muito; mr. Forster deposita nêle grande confiança.

—Sabe talvez, onde trabalhou Brandon anteriormente e donde procede?

—Não ao certo, mas recordo-me que numa ocasião me disse que era americano de nascimento. Por tudo, parece-me que tem corrido meio mundo; fala na perfeição sete linguas e, segundo disse mr. Forster, tem tambem largos e profundos conhecimentos de jurisprudencia.

—Perfeitamente; esses detalhes são de grande utilidade; occupar-me-hei dêsse senhor mais detidamente.

«Não perca a esperança, mr. Franklin: espero que tudo se ha-de arranjar de fórma que a sua innocencia será em breve demonstrada.

Ao mesmo tempo que pronunciava estas palavras, levou a mão, como por distração, ao punho da camisa do preso, dando meia volta, até vêr o botão de punho que este trazia.

—Sim, sim, proseguiu o detective, creio bem que o senhor está innocente.

—E chega o senhor a essa conclusão pelo botão de punho que uso, mr. Holmes? perguntou Franklin pasmado.

—Sem duvida alguma. E tirou ao mesmo tempo do bolso um pequeno objecto, acrescentando:

Vejam, meu caro mr. Franklin, como os detalhes mais insignificantes conduzem ás conclusões da maior transcendencia. Se este botão fosse igual aos seus, não tinha chegado áquella conclusão. Conhece talvez este botão de marfim? Recordar-se de já o ter visto em qualquer outra ocasião?

—Sim; estou certo, respondeu Franklin.

—Diga-me, pois, quem possui o outro exemplar?

—Mr. Jacques Saillord.

—Está certo do que afirma?

Ao formular esta pergunta, Holmes falava com a maior serenidade.

Completamente certo, mr. Holmes. Podia jurar-lo.

«Ontem á noite, precisamente chamei a atenção de Saillord, fazendo-lhe vêr que lhe faltava este botão.

Pareceu muito contrariado, o que tambem me surpreendeu, pois, ainda que o botão represente algum valôr e está muito bem lavrado, não é muito difficil de substituir, e parece-me que a sua perda não é motivo para entristecer.

«E devo acrescentar que fiquei surpreendido de vêr quão pálida se tornava Miss Mabel Soug, ao notar o extravio; com palavras bastantes duras repriminou Saillord pelo pouco cuidado que tinha com os objectos que ela lhe tinha dado.

—Como é possível que p sr. esteja em relações com uma rapariga que dá presentes a outros homens?

—Estar em relações, não; não foi essa a minha intenção. No fim de tudo, não estive em companhia dessa mulher, mais de cinco ou seis vezes ao todo e quanto a Saillord, tão pouco posso dizer que me unam a elle laços de verdadeira amizade. Foi a elle que me apresentou a Mabel, e quando eu encontrava, ia sempre ou quasi sempre acompanhada de Saillord. Ontem á noite, não tencionava ir a casa de Mabel, mas obrigaram-me a isso, depois de me terem embriagado.

«Já estou arrependido de me ter unido a essa mulher. Não pôde calcular, sr. Holmes, quanto me arrependo de não ter ido para minha casa directamente, depois de ter saído do escritório.

«Mais que pela triste situação em que me encontro, o sinto e lamento por Margarida, minha prometida, a quem amo de toda a minha alma e a qual saberá agora qual tem sido o meu comportamento.

—Quem é essa Margarida? — perguntou Holmes.

«E' por ventura a filha de Mr. Rusk que de uma maneira tão misteriosa desapareceu do Banco?

—Justamente, sr. Holmes respondeu Franklin num tom imperceptivel e começando a chorar. — Deus meu! Que horrivel desgraça veio perturbar a paz desta familia!

«O pai desapareceu sem que se saiba como,

nem a onde e eu metido na prisão por suspeitas de haver cometido um roubo no Banco. . .

«Esta situação é violentíssima.

«E apesar de tudo estou inocente. A única falta que cometi e de que me acuso, é ter querido procurar horas alegres andando com gente perigosa; agora o compreendo, porém, é tarde . .

Sr. Holmes; suplico-lhe encarecidamente que faça quanto possa para me tirar deste atoleiro em que me colocaram as circunstancias, para apagar o stigma de tão tremendas suspeitas, que me aturdem e me acabrunham.

— Tranquillize-se, senhor Franklin — exclamou o policia — farei quanto possa em seu favor. Repito que creio que o senhor está inocente como o está Mr. Rusk. Não julga tambem o senhor que mr. Rusk é um homem de honra.

— Absolutamente.

— Não se deixaria elle cair em tentações num roubo, quando se visse em apuros por exemplo, por falta de dinheiro?

— Nunca, contestou Franklin com energia — Além disso vive com bastantes comodidades que seriam maiores se seu filho, actualmente estudando, não dilapidasse tão grandes somas.

«Mr. Rusk tem-se queixado varias vezes disto.

— E' jogador esse rapaz?

— Creio que sim: por todas as razões, supõe seu pai que elle passa muitas noites ante as mesas de jogo do Hotel Howard, em Jamesstreet.

— Está bem, Mr. Franklin: essa noticia é de grande valor. Vou agora visitar a familia Rusk para que me facilite alguns pormenores sobre essas noites de jogo e para que me informe quem costuma visitar aquele circulo.

Esteja tranquilo e não se esqueça que o seu maior interesse consiste em guardar o mais absoluto silencio sobre tudo o que temos falado. Conte comigo e julgo pode-lo libertar brevemente.

Sherlock Holmes levantou-se e apertado fortemente a mão do preso, abandonou a prisão correndo a andar apressadamente.

Horriavel descoberta

Ao chegar á esquina, o policia consultou o relogio.

Se não se apressasse só poderia gastar alguns minutos na visita que se propunha fazer á familia Rusk.

Subiu para uma carruagem afim de se dirigir o mais depressa possivel a Tleetstreet, onde vivia mr. Rusk.

Encontrou a familia Rusk tomada do maior desespero,

Nada absolutamente sabiam de Mr. Rusk.

A dona da casa estava desfeita num mar de lagrimas. Ao dizerem-lhe que havia chegado o cele-

bre policia, teve um sobresalto, temia a repetição do importuno registro a que a policia havia submetido todo o edificio na manhã dêsse dia. Este acto tinha sido para a bondosa senhora uma humilhação, uma injuria a seu marido e a toda familia.

— Melhor e mais conveniente que difamar-nos publicamente — tinha dito a senhora Rusk — seria que esses senhores se preocupassem em encontrar meu pobre marido.

A delicadeza e reconhecida descripção do policia a tranquilizaram prontamente.

Uma unica inspecção tinha bastado ao celebre Sherlock Holmes para convencer-se que nenhuma relação tinha a honrada familia com o acto criminoso,

Por fim a sr.^a Rusk ficou inteiramente tranquila quando ouviu dizer ao mesmo policia que estava convencido da innocencia de Mr. Rusk como tambem de Mr. Franklin, afirmando que esperava ter muito em breve nas mãos as provas irrefutaveis da certeza das suas deducções.

Depois do que tanto ella como a filha do caixairo facilitaram ao policia todas as explicações que este solicitara, apresentaram-no a Fred Rusk, que causou boa impressão no animo do policia.

Alguna coisa envergonhado, teve que confessar que havia duas semanas, ou seja desde a aparição em scena do sr. Saillord, se jogava muito no hotel Howard e que tanto aquele cavalheiro como Mr. Brandon se tinham aproveitado da sua inexperiencia e fraqueza para se apoderarem de algumas somas que o incauto arriscava no pano verde. . .

Fred disse que a julgar pelas apparencias o tal Saillord devia ser um jogador de officio, porque não tinha deixado de causar surpresa o vêr que Brandon, o empregado do Banco, demonstrára tanta amizade áquele homem de duvidosos antecedentes. Disse tambem a familia que haviam mandado a casa de todos os parentes e amigos de Mr. Rusk perguntando se sabiam do seu paradeiro, pois que todas as tentativas neste sentido tinham sido infructiferas.

Satisfeito com o resultado das suas inquirições, despediu-se o policia da afflicta familia, para se encaminhar em seguida a Lombardstreet.

Ao chegar ao Banco os empregados acabavam de largar o escritório.

Excepto o chefe da casa, Mr. Forster, não havia ninguém no estabelecimento.

Aquele homem, robusto e na flôr da idade, estava pallido, pezaroso e abatido; podia dizer-se que de repente havia envelhecido.

Ao vêr que entrava o policia safu ao seu encontro fortemente agitado.

— Quanto me alegro de o vêr, exclamou estendendo-lhe a mão.

«Estou ardendo em desejos de saber o que poud averiguar esta manhã.

— Os resultados que obtive satisfazem-me com-

pletamente — contestou o recém-chegado — espero desfazer muito brevemente o trama d'êste misterio entregando os criminosos á justiça.

— Quer dizer com isso que Mrs. Rusk e Franklin estão inocentes?

— Com effeito, Mr. Forster: da importante entrevista que celebrei com o caixeiro auxiliar, resulta que effectivamente encontrou o livro na rua.

«Deve ter chegado ás mãos do criminoso por meio de alguma pessoa que estivesse constantemente no seu quarto particular.

Com ajuda do livro, facil hade ter sido ao criminoso abrir o cofre e apoderar-se do seu conteúdo.

— Tem o senhor completa confiança nos seus criados? Tem o senhor e sua senhora criadas ás suas ordens que mereçam absolutamente a confiança que nêles depositam? Não julga possível por exemplo, que algum criado ou criada pudesse penetrar no seu quarto de dormir e levasse o livrito da mezinha de cabeceira onde costumava deixa-lo?

Mr. Forster moveu a cabeça negativamente.

— Estamos muito contentes com a criada — exclamou.

«Julgo Anna Malcain incapaz de uma infidelidade. . talvez fôsse Lizy, a criada de minha esposa, que é uma rapariga um tanto leviana. . .

— Que entende o senhor por um tanto leviana?

— Quero dizer, que gosta muito de distrações e que é muito namoradeira pois que não tem só um namorado mas três. Precisamente nisso falei ha dias com minha mulher.

«Seja como fôr, a rapariga está ha um ano em minha casa e minha esposa teria muita pena se se separasse dela pois é muito simpática a rapariga.

— Poderei eu vêr essa Lizy sem que ela suspeite?

«Não ha inconveniente algum.

«Porém, tenha o senhor em conta que se a classifico de leviana, não tem até ao presente dado a menor razão de queixa; isto é a verdade e muito me surprenderia se fôsse ela quem incorresse numa falta grave, nêsse abuso de confiança.

— Seja como fôr, não será demais observa-la, replicou o policia. Antes de tomar determinações concretas a respeito da rapariga, necessito vê-la sem que ela o saiba.

«Agora sr. Forster, peço-lhe me acompanhe ao subterraneo.

«Julgo de grande importancia uma detida observação em todos os armarios, caixas de dinheiro e esconderijos.

Ambos foram para a parte baixa do armazem. Quando se fechou a porta do subterraneo Sherlock Holmes disse:

— Esta manhã encontrei este botão n'este mesmo sitio, sr. Forster.

«Pude averiguar que pertence a um homem que segundo a descrição que me tem feito das suas circunstancias pessoais, é um criminoso perigosissimo da America e que as autoridades Yankees ha muito tempo procuram.

Mr. Forster retrocedeu um passo, assustado.

— O senhor julga conhece-lo? perguntou.

— Sim, senhor, recordo-me perfeitamente de um sujeito que conheci durante uma viagem á America e cuja parecença com o que se me tem descrito dêle é muito grande.

«Trata-se de um individuo que tem cometido muitas trapaças e numerosos assassinatos.

«E' muito possível que este singelo botão me leve á pista do criminoso e que encontre outras provas de que criminoso siga trabalhando nos seus negocios que com tanto exito foram começados na America.

«Quer o sr. Forster dizer-me a que se destinam aqueles armarios de ferro do fundo do soão?

«Principalmente este mais fechado.

Sherlock Holmes apontou ao pronunciar as ultimas palavras, um dos armarios que lhe tinha chamado a sua atenção, examinando-o por todos os lados.

— Serve para guardar os livros antigos de contabilidade, respondeu Forster.

E o outro?

Nesta occasião, está vazio.

— Não obstante, deve ter tido trabalho a pessoa que perdeu este botão.

«Repare na fechadura; apresenta inegaveis sinais de ter sido forçada.

— Caramba! é verdade, exclamou o banqueiro admirado.

— Não ha duvida que esta fechadura tenha sido aberta violentamente.

— O armario é já muito velho e a sua construção muito antiga: por isso estava fóra da moda e eu pensava em vende lo para me desfazer dêle.

— Tem a chave aqui?

— Sim, senhor, tenho as todas aqui.

— Ha dois exemplares destas chaves?

— Não. Nada mais que as dos cofres.

— Então faça o favor de abrir este armario.

O senhor Forster desabotoou o casaco, apparecendo pendurada numa cadeia que trazia ao pescoço uma argola com varias chaves pequenas, escolhendo a maior delas.

— Porque insiste, sr. Holmes, em abrir este armario vasto?

Porque espero encontrar nêle o solução do enigma que nos preocupa.

«Vejo que está agitado. Dê-me a chave, eu o abrirei.

Sherlock Holmes pegou na chave intruduziu-a na fechadura.

Deu uma volta e a porta abriu-se automaticamente.

Horivelmente esmagado jazia ali o cadaver de um homem já de idade.

Aquele homem não era outro senão o senhor Carlos Rusk, o primeiro caixeiro do banco.

Fortemente impressionados, o policia e o senhor Forster ficaram um momento em mutua contemplação sem dizer uma palavra.

Por fim Sherlock Holmes rompeu o silencio dizendo :

Efectivamente encontrámos a solução, mas é horrivel. O senhor Rusk foi victima de um assassino.

— Maldito seja o assassino que privou a familia dum tão probo chefe, disse o sr. Forster que não podia já dominar-se por mais tempo, rompendo em amargos soluços.

«Não, não tinha duvidado nem um momento da fidelidade do meu amigo Rusk exclamou inconsoavel.

«Pensemos agora em venera-lo e em castigar os malfiteiros, senhor Holmes.

— Tranquillise-se senhor — exclamou o policia. Os feitos consumados não tem já remedio; agora devemos avisar immediatamente a Scotland Yard.

«Tem que se proceder immediatamente á autopsia do cadaver.

«Faça por dominar-se senhor Forster; ninguém deve saber o que aqui aconteceu, pois no caso contrario dificultariamos as nossas proprias investigações.

«Temos que procurar por todos os meios que o assassinato se não divulgue.

O malfiteiro não deve saber que se descobriu o crime; desta maneira ser-nos-ha mais facil conhece-lo e aos seus cumplices.

«Não tocarei no morto nem mudarei a posição em que se encontra, tudo o que deverá o senhor afirmar ante o juiz como testemunha ocular.

«Agora nada temos que fazer aqui; fechemos outra vez o armario e o subterraneo e evite o senhor que ninguém entre aqui hoje.

Faça o favor de ficar no escritorio enquanto eu vou a Scotland Yard para dar as ordens oportunas.

Amor e ciúme

— Ah! Mr. Holmes! A sua visita é da maior oportunidade exclamou ao vêr que chegava o grande criminalista, o inspector Gordon. — Estava para manda-lo chamar. Naturalmente deve estar inteirado do roubo de Lombardstreet? Desgraçadamente todos os jornaes se occupam largamente do roubo.

— Pois aqui me tem sem outro fim que não seja o de lhe fazer communicações importantissimas relativas ao assunto.

Eu esperava isso. E' sabido que o senhor submeteu a um interrogatorio o preso Franklin que parece muito comprometido no assunto.

«Com grande satisfação sei tambem que não lhe tem posto obstaculos de nenhuma especie.

— Efectivamente, devo pedir-lhe mil perdões por não ter solicitado autorização com antecedencia, Mr. Gordon, para visitar o preso, porem a urgencia: . .

— . . E' bastante para desculpar tudo: Não falemos disso sr. Holmes. Já sabe, que o senhor e a

policia de Londres somos unidos e não póde haver certas formalidades entre nós.

«Todos os meus empregados tem ordem de facilitar tudo quanto pedir.

— Agradeço-lhe, porém diga-me o que é que queria de mim?

— Faça-me favor de dar primeiramente a sua opinião sobre o assunto que nos preocupa e depois exporei a minha.

— Pois bem, eu, sr. Gordon, estou convencido da inocencia do mr. Franklin.

«Está tão inocente como o desgraçado mr. Rusk guarda-livros do banco, que desapareceu desde honre e cujo paradeiro não tem podido saber-se.

O chefe de policia escutava atentamente.

— O senhor classifica de desgraçado mr. Rusk? Parece-me pelo contrario muito suspeito e não chego a comprehender como o senhor tem compaixão dele.

— Porque foi assassinado! respondeu o policia acentuando as palavras.

— Como! exclamou o chefe de policia saltando na cadeira. — Assassinado! Onde o encontrou o senhor?

Em um velho armario do Banco. Não resta duvida que o infeliz foi covardemente assassinado hontem á noite enquanto estava trabalhando no escritorio e uma vez morto encerraram-no ou melhor comprimiram-no á viva força no armario de ferro para o occultar. Para dizer isto é que vim visita-lo.

— Quando fez o senhor essa descoberta?

— Ha meia hora na presença do banqueiro — Submeti a um exame todas as dependencias do Banco, em companhia de mr. Forster aproveitando para isso a hora do meio dia em que está encerrado o estabelecimento afim de nada nos interromper.

— E como fez o senhor esta descoberta?

— Por este botão que encontrei esta manhã no sobrado do subterraneo do mesmo banco roubado.

«Peço-lhe senhor Gordon, que dê ao ordens suficientes para que immediatamente seja retirado o cadaver, em que não toquei, para effectuar a autopsia sem demora.

E' muito importante saber o mais cedo possivel, qual foi a causa da morte.

Effectuarei para o acto as disposições necessarias.

O chefe da policia tocou n'um botão electrico aparecendo logo um empregado que se collocou ás ordens d'aquelle.

Mande vir immediatamente, disse Gordon, o carro de transporte de cadaveres, junitamente com alguns homens.

— Permita-me um momento, sr. Gordon, exclamou de repente Sherlock Holmes, no meu entender seria pouco prudente retirar o cadaver no carro para este fim destinado.

Este veiculo é conhecido de toda a gente, tanto mais, que estamos em pleno dia e prontamente

circularia por toda a parte a noticia de que se havia descoberto o cadáver no Banco. Portanto permita que lhe proponha mandar tirar o armario e transporta-lo em um carro, ao hospital, secção da policia.

E aonde creio mais oportuno carregar o carro é na rua estreita que ha na parte posterior do estabelecimento pela porta escura que ali tem o Banco.

Ali, o trabalho chamaria menos a atenção do público.

Mr. Brown, o empregado, que tinha apparecido, inclinou-se, saindo para ir cumprir as ordens.

Mr. Gordon exclamou logo:

—Agora, sr. Holmes, estou ás suas ordens.

Se julga oportuno, podemos voltar a Lombard-street para examinar o logar do crime.

Parece incrível! Será possivel que este botãozinho o haja levado á descoberta do crime?

—Sem dúvida alguma, e espero que o senhor me ajudará a descobrir os autores; quer dizer, se as autoridades policiaes não acham inconveniente em que eu me meta no assunto.

O chefe da policia respondeu alguma coisa confuso e corrido.

—Naturalmente sr. Holmes, mande o que quiser, ninguém o prejudicará nos seus trabalhos.

O que me admira é que tenha tanto interesse em resolver todos os assuntos de importancia, roubando-nos desse modo os nossos triunfos.

—Está o sr. Gordon enganado. Eu apenas sigo o ditado de que muitos cosinheiros estragam a sopa.

Como já disse, renuncio a ocupar-me do assunto se não me deixarem completa liberdade de acção.

—Porém, sabe o senhor alguma coisa mais dos criminosos?

—Permita-me que neste momento não responda concretamente, respondeu o policia, pois asseguro-lhe que neste negocio não deixará a policia de colher os seus triunfos.

—Pois bem: confiamos em que nos deixará alguns ossos do banquete. Não quero saber dos seus segredos: não insisto nisso, mas se me permite, gostaria de vêr o armario com o morto.

O armario foi transportado para a secção de policia do hospital, conforme o havia disposto Sherlock Holmes.

Da autopsia resultou que a morte havia sido produzida por asfixia, tendo mr. Rusk sido estrangulado, tendo o agressor surpreendido pelas costas.

Quando os dois voltaram ao escritorio de Gordon, disse este ao seu companheiro:

—Agora sr. Holmes, vou dar-lhe conhecimento do que queria dizer-lhe esta manhã. Tenha a bondade de vêr esta carta que recebi de Paris.

Com estas palavras entregou-lhe uma carta, continuando depois:

A carta diz que a policia de Paris supõe estar em Londres um criminoso chamado Jean Duval e

pede-nos que procuremos esse individuo e o entreguemos ás autoridades francesas.

Na segunda página encontrará a descripção das proezas pessoais do suspeito criminoso: trata-se dum meliante que cometeu em Paris uma série de roubos e assassinatos.

Agradecer-lhe-hei que estude bem os antecedentes pessoais e tenho a certeza que dados os muitos conhecimentos que o senhor tem nos centros criminaes, nos facilitará reconhecer o criminoso e os meios a empregar para a sua detenção.

Uma complacencia, valerá bem outra em justa correspondencia.

Convirá em que o tenho servido hoje no que me tem sido possivel.

Sherlock Holmes tomou a carta, lendo-a atentamente desde o principio ao fim.

Encolhendo os ombros, deu-lhe a carta, ao funcionario.

—Agora, fique com Deus: tenho ainda muito que fazer e resta-me pouco tempo disponivel.

—Vá com Deus, sr. Holmes, respondeu o policia levantando-se e apertando-lhe a mão. Desejo-lhe muita sorte e espero que não iremos fazer concorrência mutuamente.

—Oh! isso seria muito irritante, replicou o policia sorrindo-se e saindo apressadamente do edificio da policia oficial.

Ao chegar á rua não pôde deixar de rir-se.

—Ui! exclamou. Nunca vi um homem tão estúpido como este Gordon.

Sorrindo se, subiu para um automovel, dirigindo-se para sua casa em Bakerstreet.

Harry Taxon em observação

—Emfim, sr. Holmes!... Emfim volta, exclamou Harry Taxon ao vêr o seu mestre e amigo.

Quanto me tenho aborrecido! A impaciencia por tornar a vê-lo, por pouco me mata!

—Exagêras, meu filho! respondeu Holmes rindo. Vou dar-te alguma coisa que fazer. Vamos agora ao vestuario.

Deverás transformar-te num verdadeiro gomoso, em um bon-vivant que sabe gastar as libras estereinas quando se trata de obsequiar as mulheres.

Bravo! Não podia proporcionar-me uma occupação mais agradável que esta, exclamou o rapaz entusiasmado. Essas coisas são as de que mais gosto dão ao filho de minha mãe...

Lá me parecia que o belo sexo havia de ter participação no crime de que tratamos.

Com o sorriso nos lábios e mostrando alegria seguiu o policia, o qual o pôz ao corrente do que havia descoberto até então

Entraram numa espaçosa habitação em cujas paredes havia grandes armarios com roupa para os segredos do grande policia.

Não tardaram em encontrar um traje de propósito para Harry e em poucos minutos o jovem ajudante do polícia estava transformado num verdadeiro «gentleman», com os dedos cheios de anéis de ouro, alfinete de gravata com brilhantes e relógio com cadeia de ouro.

O polícia, também se converteu em elegante «gentleman».

— Vamos comer hoje fóra de casa, disse Holmes, dispondo-se a sair. Vamos ao Hotel Howard, pois segundo tenho ouvido ali, servem um excelente frango por pouco dinheiro.

— Ai! frango, exclamou Harry, dando voltas no ar com a bengala. Vamos lá. Asseguro-lhe, mestre, que nada tenho que objectar-lhe, e hoje ainda menos que noutra ocasião, por isso que tenho bastante apetite.

— Bem, amigo: agora falando sério, no hotel Howard encontraremos talvez o autor principal do crime cometido no Banco. Digo talvez, porque na realidade não tenho muitas esperanças de o encontrar. É muito possível que tenha tomado o prudente partido de sair da capital.

— Já o conhece, mestre?

— Sim, já o conheço. Creio que é tempo e ha pressa, pois têm-o não o encontrar; os meliantes como estes escapam com facilidade. Se não está no hotel, não nos deteremos muito nêle.

— Vamos, pois.

— Espera; tomaremos uma carruagem. Os gentlemen, como nós somos presentemente não podem andar a pé.

Saltaram para um trem que passava e empreenderam a ida até ao seu destino.

Chegaram precisamente á hora da comida. A grande mesa do hotel estava bem cheia de comensais, passando os nossos dois visitantes a ocupar os dois únicos lugares vazios.

O dono do estabelecimento encontrava-se naquella ocasião sentado também á mesa, muito perto dos novos hospedes

Sherlock Holmes, passou em seguida a vista ao redor da mesa, convencendo-se bem depressa que ali não estava monsieur Jacques Saillord, a quem tanto empenho tinha de encontrar. Não tardou em apresentar-se-lhe uma ocasião para entabolar um dialogo com o dono da casa ocasião da qual como era natural, soube aproveitar-se o polícia.

— Sempre gostei muito, mr. Howard, de tentar a sorte. Recordo-me com saudade dos bons tempos em que encontrando-me em Paris passava deliciosas noites em companhia de um amigo meu, um tal Saillord. Todas as noites faziamos banca no restaurant Duval que o senhor deve conhecer perfeitamente; eramos os sempiternos concorrentes áquele magnifico hotel situado bem perto dos Campos Elísios. Aonde estará neste momento o meu amigo Jacques? Nós, os chamavamos-lhe familiarmente, Jacques o «Ruivo».

— O cavalheiro refere se ao sr. Jacques Saillord?

respondeu o hotelheiro lisonjeado pelas palavras do policia. Neste hotel ha precisamente um cavalheiro com esse nome e apelido.

— É possível? perguntou Holmes, fingindo-se assombrado. Isso é extraordinario! Onde está? Aqui, á mesa, não está o meu amigo Jacques. Oh! conheço-o muito bem: tem o cabelo quasi ruivo e é muito engraçado.

— É o mesmo, o mesmo, respondeu mr. Howard sorrindo-se. Aqui no hotel é conhec do pelo nome de «O diabo do cabelo encarnado».

— Muito bem! Vá que é um nome gracioso! Porém, o senhor não me disse ainda onde se encontra esse diabo!

Ontem á noite safu para viajar em companhia do seu amigo Mr. Artur Brandon.

— Que me conta o senhor, meu amigo? replicou o policia, parecendo contrariado pela ausencia do amigo. Se ele tivesse sabido que eu chegava...

«Porém voltará breve?

— Sim, dentro de poucos dias. Com o fim de aproveitar as ferias que o chefe de Mr. Brandon lhe concedeu, decidiu empreender uma pequena viagem de recreio á Escócia.

— Muito bem pensado. E quanto tempo pensam permanecer na Escócia?

— Quinze dias o maximo, respondeu o hotelheiro. Aqui deixaram a sua equipagem e encarregaram-me de lhes reservar os aposentos que ocupavam.

— Sendo assim, não perco ainda as esperanças de vêr o meu bom amigo. A proposito, Mr. Howard: esse Mr. Brandon, será por ventura o que está empregado na casa bancaria de Forster?

— Vive neste hotel ha muito tempo e ficou logo amigo intimo de Mr. Saillord: esse Brandon é tambem muito simpático e afavel.

— E tão gentil como Mr. Saillord?

— Zomba de mim, cavalheiro?

— Quando o senhor vir o elegante tipo que elle é, ficará surpreso. E se muito me pergunta, não terá o senhor necessidade de esperar o seu regresso, pois por acaso tenho o seu retrato em minha casa.

— Agradecer lhe ia como um grande favor se tivesse a bondade de mostrar-me essa fotografia: dirá o sr. que sou muito curioso, não é verdade?

— Não tem o senhor mais que ir á sala de de jogo: nela está o retrato de Mr. Brandon collocado na parede.

Se o senhor me permite, passamos á sala de que fala... Terminámos já a nossa refeição...

Sherlock Holmes olhou para o seu amigo Harry de uma maneira penetrante e significativa.

Perdoe-me o senhor a minha curiosidade, mr. Howard, pois tenho verdadeiro desejo de vêr o retrato desse cavalheiro a quem classifica de elegante: em assuntos de elegancia sou bastante competente.

O policia e Harry Taxon, precedidos do hotelheiro dirigiram-se para a sala destinada ao jogo e

a qual dava para o pátio. Os visitantes aproximaram-se em seguida da parede, em que estava com efeito o retrato do criminoso entre outros. Aparentando para o mais feio perguntou o polícia

— E' por ventura este senhor?

— Não homem, respondeu sorrindo-se o dono da casa. Ali o tem o senhor, é aquele ruivo com um pequeno bigode.

— Vamos: vejo que tem bom gosto. Efectivamente não posso negar que é um tipo elegante e simpático.

Sherlock Holmes ficou um momento contemplando com atenção o retrato para fixar bem na memoria as feições do criminoso suspeito. Depois pagou religiosamente a conta e despediu-se, prometendo voltar brevemente.

— Agora sabes, Harry, disse o polícia ao seu secretário ao chegarem á rua, quem são os meliantes que procuro.

E' preciso ter em conta que se ausentaram. Tomaram nos a deanteira e agora, como é natural não voltarão ao hotel. Devemos procura no noutro sitio e para isso é preciso que vás á Jamesstreet, á casa que te indicarei, e procures não perder de vista a jovem que vive no primeiro andar e que se chama Mabel Soung.

«É possível que por ela consigamos deter os dois viajantes, mas repito que deves proceder com tacto, porque ella é muito perigosa.

— Nada receio — sr. Holmes: procurarei desempenhar o meu papel como devo — replicou Harry Taxon na ocasião em que se despedia do seu mestre para dirigir se a Jamesstreet, número 12.

Para chegar a casa mais depressa tomou Harry um trem, do qual se apeou á esquina da dita rua.

A casa em que vivia miss. Mabel Soung era, sem dúvida, uma das mais elegantes da rua.

Passando Harry por diante das fachadas das casas, chegou prontamente á frente da casa, objecto das suas pesquisas.

Ao vêr a sumptuosidade da entrada o rapaz parou admirado.

Aparecia uma ampla escada de marmore, cujos degraus eram cobertos em toda a largura por uma rica e macia alcatifa.

As paredes e o tecto do vestibulo eram adornados por pinturas valiosissimas.

Decidido por fim, Harry subiu a escada parando á porta, na qual estava uma placa com o nome de «Mabel Soung».

Estava ainda indeciso sobre que partido tomar, quando ouviu no interior da habitação algumas vozes femininas.

Ocultando-se por detrás de umas palmeiras que estavam no patamar da escada, escutou com atenção.

Apenas tinha tido tempo de occultar-se quando a porta se abriu, saindo duas elegantes e formosas jovens: a julgar pelos trajes eram duas semi-mundanas.

— Sim, sim, querida Mimi — dizia uma delas,

uma estrela morena, — é triste, mas não tem remedio: não tenho um momento para te dedicar.

«Tenho que ir immediatamente a um recado. Depois me contarás a pequena aventura que tiveste ontem á noite, ou para melhor dizer, esta manhã com o teu adorador.

— «Depois» dizes, Mabel? Com quanta indifferença pronuncias esta palavra! — replicou algum tanto offendida Mimi, rapariga de uns vinte e cinco anos, de bonita figura como a sua amiga, vestida com suma elegancia.

«Faço o sacrificio de vir a tua casa para passar contigo alguns momentos alegres e com tanta semceremonia me mandas embora...

«Quando será esse «depois»? Quando nos tornaremos a vêr?

— Deus meu, filha; não queria ofender-te — replicou Mabel sorrindo. — Não podes imaginar quanto desejo conhecer os detalhes da tua aventura com o «tio do ouro». Nós podemos encontrar-nos ás cinco, aproximadamente na «Union-Bar».

— Está bem. Está combinado em que virás á entrevista?

— Podes contar com isso, adeus, até logo. As raparigas abraçaram-se e Mabel desceu a escada tão apressadamente que a muito custo poderia seguir os passos da ruiva,

Antes de ter tempo de chegar ao portão viu a rapariga subir para um auto que immediatamente se pôz em marcha.

Um momento depois alugava Harry outro automovel ordenando ao chauffeur que seguisse o primeiro de tal modo que se não tornasse reparado. Ficou parado o coche em que ia a mulher, deante de um grande restaurante, perto de Kensington Gardens. Mabel saltou do auto, sendo seguida a pequena distancia por Harry.

O local era um grande parque em que havia várias diversões populares. Centenares de pessoas tinham chegado ali, a pé e em vehiculos de todas as classes para presenciar os espectaculos.

Segundo annunciavam os cartazes, deviam effectuar-se naquelle dia varias ascensões em globos tripulados por profissionais e aficionados.

A atracção do espectáculo havia reunido naquelle sitio uma grande multidão que esperava impaciente a hora de começarem os festejos.

Apartando o passo por entre a multidão, conseguiu Harry collocar-se muito perto da rapariga que seguia.

Esta encaminhou-se directamente e com passo ligeiro para a parte posterior do parque pelo lado do Kensington.

Era evidente que naquelle sitio, frequentado tão sómente por algumas pessoas que passeavam, esperava a rapariga ter uma entrevista secreta com algum.

Junto a uma pequena casita abandonada em meio do jardim e meio occulta entre plantas exu-

berantes, havia um homem de uns trinta e cinco anos de idade que a julgar pelas apparencias estava esperando por Mabel.

Harry ponde distinguir perfeitamente que desde alguma distancia fazia um sinal á que acabava de chegar.

Ao conhecer em mr. Brandon o empregado do Banco, ficou um momento surpreso. A ida á Escócia tinha sido um embuste.

Sem demora, Harry, retrocedeu alguns passos para chegar, depois de um grande rodeio, á parte posterior da casita.

Ao chegar ao sitio strategico, observou com satisfação que ao mesmo tempo que elle, chegava Mabel junto do homem.

Bem depressa ouviu que a formosa jovem dizia em voz baixa :

— Vim só para te dizer Artur, que Jacques não pôde de maneira alguma efectuar a ascensão antes das sete horas.

— Bom! Isso é absolutamente impossivel! exclamou Brandon com enfado e batendo no chão com o pé. Não posso esperar tanto.

«Temos por todos os modos de sair de aqui ás seis horas, o mais tarde. O aéronauta não quer atrear a saída, de maneira que é inevitavel que «La Stella» se eleva ás seis horas em ponto, conforme estava anunciado. E adverte que se ficarmos em terra não faltarão passageiros que gostosamente nos substituíam. O homem não depende de nós!

— Bem, procurarei dizer a Jacques que venha ás seis horas, respondeu Mabel emocionada. Deves compreender que gostaria tambem muito mais afastar-me nos o mais depressa possivel. Estou tambem convencido que nos encontramos nos últimos momentos para nos salvarmos. Ouve Artur: a criada da senhora Rusk, já sabes, a jovem Lizy esteve em minha casa supondo que estavas comigo, disse-me que neste dia haviam tirado do Banco, o armario de ferro... E que tinha a certeza de ter sido transportado para o hospital no departamento da policia. A rapariga está emocionadissima, está tremendo de medo.

— Credo! exclamou Brandon impalidecendo. Digo-te que não podemos perder um só momento!... Esse estúpido Duval esperará até que nos prendam. Avisa o já pelo telefone, tu sabes melhor que eu onde encontra-lo. Diz-lhe que se apresse, que a situação é perigosa.

— Assim o farei, respondeu Mabel, e no caso de não poder encontra-lo, ou de negar a vir já, partiremos sem elle.

— Não, isso não. Julgas que me conformo em que fique com as joias? Chego a suspeitar que retarda com intenção, afim de ficar senhor do roubo; é um canalha esse Duval.

— Por minha parte não ficarei, farei quanto esteja na minha mão. Jacques disse-me que dentro de uma hora estaria em casa da minha amiga Mimi. Certamente que estará lá para onde mandei a ma-

leta, esta manhã, momentos depois de ter conhecimento de haver-se introduzido no meu quarto o estúpido do Franklin. Mimi tem telefone, falarei com ela.

— Sim, sim, não te demores, querida, respondeu Brandon. Vamos agora á outra parte do parque, falarei com o aeronauta e oferecer-lhe-hei algum dinheiro para que não admita outros passageiros além de nós, no seu globo.

— Muito bem pensado; vamos Artur.

Quando momentos depois se retiraram, saíu Harry a correr até á porta do estabelecimento, subiu de novo para o seu automovel e deu ao chauffeur ordem para a toda a velocidade o conduzir ao café Paris.

A descoberta da Union-Bar

— Já de volta?

Pelos modos viestes com pressa e espero que venha dar-me uma porção de boas novas.

— Acho que sim, respondeu Harry altamente satisfeito de si mesmo.

«E se hoje não ficar contente comigo, perco decedidamente a confiança nas minhas aptidões.

— Vamos, o que trazes, exclamou Sherlock Holmes impaciente. Viste a rapariga em casa?

— Sim, mestre, e tinha como visita uma tal Mimi, a qual como se comprehende é tambem uma mulher de vida alegre. Por desgraça não pude chegar senão no momento em que saíam as duas amigas. Porém, combinaram encontrar-se ás cinco horas na Union-Bar portanto, se quer estar lá á hora indicada não tem tempo a perder.

— Podemos pôr-nos em marcha desde já, aqui não temos que fazer. Durante o caminho poderás pôr-me ao corrente do que tens para me dizer.

Holmes pagou a conta ao criado, saindo em seguida com Harry.

Tomaram o «trayway» para chegar o mais depressa possivel.

A'quelas horas os salões da Union-Bar estavam muito pouco concorridos.

Os nossos dois personagens chegaram ao estabelecimento ao anoitecer, de modo que lhes não foi difficil examinar as pessoas que se encontravam ali. Em um dos pequenos gabinetes, na parte direita do estabelecimento apenas havia alguns pares.

Noutra sala, a um canto junto da parede, recostada numa cadeira, Harry reconheceu a Mimi: estava só, a sua amiga ainda não tinha chegado.

A rapariga devia encontrar-se muito aborrecida, pois observando que Harry a fixava com attenção, fez-lhe um sinal para que elle se aproximasse, dizendo-lhe:

— Que te traz aqui, simpatico? Não sabes como matar o tempo? Olha, se não tens nada que fazer, aproxima-te com o teu amigo, aborreço-me imenso

e não desgostarei da vossa companhia. Que tomaremos? Creio que melhor será uma garrafa de champanhe, pois que reanimará os nossos espíritos.

— Tens razão, gentil, é o melhor que podemos fazer. Que dizes tu, Bily? E's da mesma opinião?

Estas últimas palavras foram dirigidas ao seu mestre, o policia.

— Julgo que estou conforme e sou partidario do champanhe.

Ha muito tempo que não tinha o gosto de vêr uma pequena tão delicada e tão formosa como tu, disse aproximando-se de Mimi. Nós nos sentaremos a teu lado se não ha inconveniente.

— Rapaz, duas garrafas de champanhe do melhor que houver!

Prontamente foram servidas as garrafas.

Harry acercou-se da Mimi, passando-lhe o braço á volta cintura.

Pouco a pouco a conversa foi-se animando. O champanhe produziu os seus efeitos e Mimi começou a tagarelar sobre mil coisas.

Sherlock Holmes fixou a attenção com insistencia em um alfinete que a mundana trazia colocado ao peito.

A curiosidade do policia era explicavel perante a beleza da joia.

Era cravejado dos mais finos brilhantes.

— Sim, sim, exclamou Mimi notando o interesse do policia; joias como esta, não as tem qualquer. Gosta delas?

— Gosto, ainda que não tanto como tu, respondeu o policia amador, olhando de lado. Deves ter um noivo muito rico.

— Não tanto como se pode julgar, respondeu com uma gargalhada. O alfinete não vale tanto como parece. Se fôsem pedras verdadeiras não digo que não; porém, não passam de uma imitação.

— Quem te fez esse presente, formosa?

— Desde ontem á noite que o tenho, respondeu já meio embriagada.

Estava o pobre louco completamente embriagado... parecia Satanaz em pessoa. Faz de conta que era um tipo com cabelo ruivo, olhos enormes e a andar coxeava dum pé... era o mais caricato que se pôde imaginar.

— Onde fizeste essa conquista? perguntou Harry.

— Aqui mesmo, seriam quatro horas da tarde quando o vi entrar por esta porta, dirigindo-se directamente para a minha mesa. Toda a gente se riu ao vêr a sua figura.

Crêde-me, amigos, que com o seu andar e a sua cara, carregado como fã, com uma maleta, produziu um efeito cómico.

Olá! Janota, disse-lhe. O que apraz por cá?

— Bendita sejas, rainha, me retorquiu, o que trago o véras quando estivermos em tua casa, pois espero que me levarás lá. E sentando-se ao meu lado começou a dizer-me galanerias.

— Tomaremos uma garrafa de champanhe, dis-

se-me, pois tenho uma sêde abrazadora, todo o dia andei por essas ruas.

Nesse caso deves ser caixeiro viajante, perguntei-lhe.

— Acertaste. Logo te darei um precioso presente mas tens de te mostrar muito amavel comigo, aceites?

O pobre criado viu-se em pancas para nos meter num trem.

Daí a pouco o meu novo amigo começou a chamar em grandes gritos, gesticulando como um doido:

— Eh, cocheiro! Alto, alto!

— Apesar de coxo, salta do veiculo como um acrobata, dizendo-me: Espera um momento, filha. Havia-se esquecido da maleta com o mostruario. Asseguro-te que chegou a parecer-me um doido. E' forçoso que tivesse a cabeça transformada para ter um tal descuido.

E cambaleando da maneira mais graciosa, desapareceu para depois tornar a apparecer para depois tornar a apparecer em breve tempo, dando saltos e atirando com as pernas para o ar como se dançasse um «cake-walk».

— Isto é o que se chama uma pandega?

— Creio bem, respondeu o policia. Mas diz-me, fôste a casa?

— Qual, homem! era muito tarde, tinha de aproveitar-se o concerto que se dava em varios sítios. Fizemos curtas estações em seis ou sete cafés cantantes até que por fim chegámos a casa sem saber como. Dormimos mais de doze horas.

O meu ridiculo companheiro encostou-se ao sofá, despertando no chão, mas sem largar a maleta da mão. Era um quadro graciosissimo!

Emfim, desenojámos com um calix de conhaque e encontramos-nos muito melhor.

Então ao pobre homem deu-lhe para o sentimentalismo, começando a enternecer-se e a dizer mil tolices, até que por fim, por um arranco de generosidade, abriu a maleta e disse-me:

— Meu anjo, vou mostrar-te alguma coisa de que deves gostar.

— Efectivamente não podes imaginar o que continha a maleta. Tive que cerrar os olhos no primeiro momento, cegos pelo brilho. Nunca tinha visto tantos diamantes e brilhantes reinidos.

Então, tirando da preciosa mala este alfinete, apresentou-me dizendo ser para lastimar as pedras não serem boas, pois em tal caso dariam mais realce á minha formosura.

Ao vêr o brilho que tinham estas pedras, tive de perguntar-lhe, surpreendida, se efectivamente eram falsas; porém, elle affirmou-me que eram umas imitações.

— São as copias dos originaes que temos em Paris, me disse elle. Sou caixeiro viajante duma casa de ourivesaria, mas como de toda a maneira o nosso trabalho é bem feito, não deixa de ter um grande valor, por isso é que te ficaria muito obri-

gado se me guardasses esta mala com o maior cuidado.

— Quer outra vez ir de viagem? perguntei-lhe.

— Sim, respondeu-me, rindo como um pateta. Vou visitar alguns fregueses e só levo comigo alguns exemplares do mostruário. O resto guarda-las cuidadosamente, pagarei pricipiamente os teus bons serviços.

— Fechou a mala e partiu.

— Muito bem, e o coizo não te disse quando voltava?

— Não faltava mais nada; pois não o disse? Não sei onde tenho a cabeça... Pois vejo que não tenho mais que dez minutos, e dentro d'este tempo quero estar em minha casa.

— Nesse caso deves partir imediatamente. Moras muito longe daqui?

— A poucos passos.

— Então teremos ainda tempo de vêr as joias se nissio não achas inconveniente.

— Nada tenho que objectar, respondeu Mimi, pois espero que me presenteis com alguma coisa.

— Não terás motivo de queixa, responderam Holmes e Harry.

O policia chamou o empregado para pagar a conta e daí a instantes estavam todos três sentados num trem que os conduzia a casa da mundana.

Um drama nos ares

Quando os policia chegaram a casa de Mimi, davam seis horas.

— Estamos nos ultimos momentos, disse Holmes ao seu amigo, não podmos perder um segundo. Espero que seremos felizes e que o meliante se nos não tenha ainda escapado.

Em seguida dirigindo-se á rapariga que estava fortemente embriagada, proseguiu em voz alta:

— Vamos, formosa. Tens a chave da tua casa?

— Sim, aqui a tens, replicou meio adormecida. Procura encontrar o buraco... a fechadura.

— Não te inquietes por isso; não levarei muito tempo a dar com ela.

«Mas, aproxima-te Harry, toma Mimi por debaixo do braço e ajuda-me a subir o mais depressa possível.

Ajudou Harry ao acto e os dois conseguiram fazer subir a mulher os poucos degraus que havia até á porta.

Sherlock Holmes abriu a porta e penetrou na luxuosa habitação, após o que voltou a fecha-la, e tomando Mimi pela mão que não dava conta de nada do que sucedia em volta dela, transportaram-a para a habitação que dava para a rua posterior, collocando-a em cima da cama.

Tudo foi trabalho de poucos momentos.

Mimi ficou imediatamente mergulhada em profundo sono.

Começaram então, mestre e discípulo a procurar a preciosa mala, o que muito prontamente conseguiram.

Estava debaixo da cama. Reunindo o policia todas as suas forças, fez saltar a fechadura, lançando um grito de surpresa no momento em que ficou aberta a mala.

— Agora, depressa ao telefone — exclamou Holmes.

Pediu uma urgencia comunicação com a delegação da policia mais proxima.

Com effeito; não tinham ainda decorrido cinco minutos quando bateram á porta. Eram cinco policia que entravam em casa.

Em poucas palavras, o policia pô-las ao corrente de que deviam fazer.

Imediatamente indicou aos policia os pontos estrategicos em que deviam occultar-se; especialmente no passadiço; êle, juntamente com o seu ajudante Harry Taxon foram esconder-se dentro dum grande armário de lona.

Apenas tinha terminado estas disposições, quando a campainha da porta tocou.

Ninguém se mexeu.

Repetiram as chamadas com mais insistencia, e ao vêr que ninguém abria, alguém introduziu cuidadosamente a chave na fechadura, abrindo a porta. O diabo ruivo, penetrou, ou melhor deslison como um serpente até ao vestibulo.

Era Jacques Saillord, ou melhor Jean Duval.

Não avançava um passo sem volver a vista á direita e á esquerda com grande receio.

Silenciosamente chegou até ao armário em que se occultavam Sherlock Holmes e Harry.

Ali, julgando-se mais seguro ou perdendo o medo, acelerou o passo. No mesmo instante em que passava por diante do mencionado armário, o policia, dando um salto muito parecido com os que as panteras dão quando colhem a presa, arrojou-se sobre o criminoso, tomando-lhe os braços pelas costas e torcendo-lhos com força. Saillord expediu um grito agudo.

Um momento depois estava atado de pés e mãos e estendido no solo. Mas nem por isso se dava um homem por vencido.

— Sr. Holmes — exclamou um dos policia — levou o sr. ao fim uma prisão que certamente tem valor.

O preso lançou uma grande praga quando viu Harry Taxon tirar a sua mala debaixo da cama. O policia abriu-a mostrando o conteúdo aos agentes de policia que não acabavam de se admirar.

— Sim, sim, meu caro senhor — disse chocarreiamente o policia a Saillord. — E' inútil o senhor procurar dissimular.

«Compreendo perfeitamente o seu assombro ante tão rapido e inesperado fim que teve a sua viagem a Escocia em companhia de seu camarada Brandon. Que havemos de fazer-lhe?

Confesse enfim, que Brandon operando debaixo

do nome de Harcourt, subtraía na America grande quantidade de dinheiro e se apropriou de diferentes depósitos que lhe haviam sido confiados em má hora; que falsificou letras de cambio e outros documentos, e que sobre elle recaem suspeitas de varios assassinatos cometidos com o concurso eficaz dessa prostituta Soung, e de monsiu Duval.

«Todos os senhores três que foram um triste triunvirato, tinham projectado a fuga depois de ter exercido a sua lucrativa industria nas mais importantes capitais da Europa. Depois disto tão pouco poderá negar que sómente Harcourt e Soung conseguiram permanecer aqui por largo tempo.

— Vejo, que está muito ao corrente dos nossos negocios, porém, em homenagem á verdade, faça-lhe observar que pelo que respeita a Soung, está o sr. completamente enganado. Essa vibora foi ao principio minha amante e não de Harcourt.

«E para que o sr. veja estar mal informado, dir-lhe-hei alem disso, que tomei parte no negocio do Banco de Lombardstreet, foi precisamente induzido por ela.

«Graças á criada da sr.^a Rusk, o livrito que continha o segredo dos cofres, passou para a mão de Harcourt.

«Enfim, combinámos dar o golpe a noite passada.

«O momento não podia ser mais oportuno para a realisação dos nossos planos, e posto que os caixeiros estivessem trabalhando no escritorio do Banco, segundo sabiamos por Harcourt, tanto o porteiro como o criado do estabelecimento, eram pouco zelosos no cumprimento dos seus deveres, que consistiam especialmente em vigiar durante a noite.

Esperámos, pois que o caixeiro auxiliasse tivesse saído e então penetramos no Banco, procurando não fazer ruido, pelo escritorio particular do banqueiro, de cujas chaves se tinha sabido apropriar Harcourt.

Mr. Rusk, o primeiro caixeiro, estava tão absorto no seu trabalho, que não deu conta da nossa presença.

«Para evitar que gritasse, arrojé-me sobre elle agarrando-lhe no pescoço, ao mesmo tempo que Harcourt tratava de meter-lhe uma grande mordada na boca. Porém, a sorte não foi propicia, pois que quando o meu companheiro tapava a boca a elle surpreendido, notámos que sem dar conta, oprimos demasiadamente a garganta. Tíhamos asfixiado o caixeiro sem querer. Então não nos restava outro recurso que esconder o cadaver.

— E para isso, respondeu o policia interrompendo abriam o armario de ferro que existia no subterraneo?

— Com effeito, respondeu o criminoso com a maior naturalidade, pareceu-nos o mais conveniente. Presumimos que ninguém suspeitaria de nós se conseguíssemos fazer desaparecer o primeiro caixeiro e proceder de maneira que o livrito caísse em poder do caixeiro auxilias.

Ao mesmo tempo que o criminoso pronunciava as ultimas palavras da sua sincera confissão, o policia aproximou-se d'elle para examinar-lhe os botões que tinha nos punhos.

Num dèles viu um botão exactamente igual ao que tinha encontrado no subterraneo do Banco.

— Sr. Duval, retorquiu então Sherlock Holmes, agradeço as suas felicitações, mas devo dizer-lhe que fez com que o descobrimento de tudo fôsse a coisa mais simples do mundo. Por outro lado, o expediente de que os senhores se serviram para fazer passar o livrito ás mãos de Franklin foi grosseiro e por outro lado permita-me que lhe diga que teve muito pouca precaução, o que é contrário a um homem tão ladino como o senhor.

— Porquê? perguntou Duval com interesse.

Porque não deu conta que lhe tinha caído este botão ao forçar a fechadura do armario.

— Caramba! exclamou Duval lançando uma olhada aos punhos. Tem razão.

— Mr. Franklin reconheceu este botão como pertencendo ao senhor, voltou a dizer-he o policia. «Quando lho mostrei exclamou em seguida: «Esse botão é de mr. Saillord!» Já o sr. vê, a que detalhe tão insignificante deve o seu fracasso.

«Desta vez jogou com pouca sorte o que lhe custará caro. O senhor ficou apanhado com a sua maleta; ella constitue o corpo de delicto, enquanto o seu companheiro Harcourt desaparece com as 30:000 libras esterlinas em bilhetes do Banco, que o não molestarão tanto como ao senhor as joias.

Estou certo que os dois pombos terão sufficiente cuidado de guardar o dinheiro sem lhe entregar porção alguma do mesmo.

— Nada, nada, replicou Duval rangendo os dentes nem um centimo! não irão ligeiros, eu farei que tropecem.

— Nisso tem o senhor razão, disse Sherlock Holmes; não merecem outra coisa.

Naquelle momento, fez-se ouvir a campainha do telephone que estava posto no mesmo aposento em que se havia desenrolado a scena que acabamos de descrever.

— Senhor Duval, ouve? perguntou-lhe Sherlock Holmes. São os seus cumplices, que esta mesma noite intentaram fugir no aerostato «Stella».

Mabel supõe que o senhor se encontra em casa e disse-lhes para o avisarem pelo telephone. Esta é a occasião propicia para se vingar dèles.

Quer dizer pelo telephone o que eu lhe indicar? Obedecendo a um sinal do policia, aproximaram o cativo ao aparelho telefonico.

Sherlock Holmes tomou o auricular, e no momento em que com a maior insistencia se ouvia tocar a campainha, aproximou-se ao ouvido de Saillord dizendo-lhe em voz muito baixa:

— Responda o senhor, dê o seu nome.

O criminoso, exclamou aproximando os lábios da placa sensivel:

— Sou Jacques Saillord. Quem chama?

Sherlock Holmes ouviu o que diziam.

— Mabel. Vens ou não? Não podemos esperar mais que até às sete menos um quarto.

Acercando-se de novo o polícia ao ouvido de Duval disse-lhe:

— Responda: É impossível. Não posso ir antes das sete em ponto, a essa hora estarei aí. Levarei a maleta com as jóias e faremos partes iguais com o produto do que temos.

— Prometes? voltaram a perguntar.

— Sim: podem contar com a minha palavra de honra, respondeu Duval por indicação do polícia.

Tende a certeza que não faltarei.

Nada ha que temer e posso dizer-vos que segundo acabo de saber, a polícia está livre de suspeitar de nós.

Nesse caso, esperaremos algum tanto mais, repetiu Mabel.

Porém, fica sciente que de maneira nenhuma esperaremos além das sete. Adeus.

— Sim, até logo, exclamou o polícia sorrindo depois de haver fechado o aparelho.

Agora, senhores, não ha tempo a perder. Confio-lhes a guarda do prisioneiro e da mala.

— Pódem ser levados a Scotland Yard.

— Tu, Harry, poderás acompanhar estes senhores para transmitir a Mr. Gordon que tenha um pouco de paciência, pois dentro de pouco tempo terei o gosto de lhe apresentar os cúmplices de Duval.

— Até á vista, adeus.

Antes de um quarto de hora estava em Vaushall. No campanario duma igreja davam as seis e meia quando um automovel chegava á porta do grande estabelecimento de jogos sportivos.

O polícia saltou rapidamente do trem, começando a correr até ao sítio onde estava amarrado o «Stella» globo gigantesco, capaz de elevar várias pessoas.

Tudo estava disposto para a partida.

Desde logo Holmes reconheceu Brighton, o capitão do globo, pelo uniforme que levava.

Aproximou-se dêle e depois de trocar algumas palavras, afastaram-se alguns metros para falarem uns momentos entre as árvores da cerca do bosque.

Acabavam de dar as sete menos um quarto: os dois homens apertaram as mãos em sinal de conformidade ao plano que tinham formado e aproximaram-se do globo, ao lado do qual esperavam já, cheios de impaciência, o empregado do Banco Mr. Brandon, Harcourt e a sua amante, lançando nervosamente olhares em redor, para vér se chegava o terceiro cúmplice, Saillord Duval.

Saudando-os com um sorriso, chegou-se a êles Mr. Brighton.

— Senhores, disse—é tempo de partir. Não podemos esperar mais.

A jovem Mabel quiz objectar alguma coisa, porém, algumas palavras do seu companheiro, pronunciadas em voz baixa decidiram-na a conformar-se a subir para a barquinha.

Naquele momento, e de acordo com o plano que tinham formado, intentou Holmes aproximar-se do globo para deter os criminosos, porém, a multidão começou a interpôr-se entre o polícia e o globo, formando impenetrável barreira que o impedia de avançar.

Vá! — gritou Mr. Brighton. — Soltai as cordas! . . .

Um instante depois viu o polícia que o globo se elevava rápido e magestoso nos ares levando o casal de criminosos.

— Alto, Alto! . . . Abri passagem! . . . gritou o polícia dando violentos empurrões á direita e á esquerda.

Por fim depois de grandes esforços conseguiu atravessar a muralha de curiosos.

— Maldita seja a minha sorte! — exclamou Holmes mostrando os punhos. — Será possível que se me escapem no último momento? . . . Não! . . . Dizendo isto, agarrou-se fortemente a uma das cordas que se arrastava rapidamente pelo sólo e sem vacilar trepou por ela como um gymnasta.

— Eh! Mr. Brighton. . . ajude-me a subir. . . gritou quando o globo estava já a bastante altura.

Atrazei-me alguns minutos. . . ajude-me,

Mr. Brighton, que não tinha ainda dado pela falta do terceiro passageiro, assomou á barquinha.

Ao vér a atrevida empresa do polícia, o bondoso capitão, ficou um momento admirado, mas pouco depois estava Holmes ao lado dos seus perseguidos.

Por fim Mr. Brighton dá por terminadas as suas operações aéreas.

Holmes fez de súbito um sinal ao capitão e dirigindo-se aos empregados do Banco, disse lhes:

— Faça favor. Mr. Harcourt, ex-advogado de Chicago, de entregar-me o maço de bilhetes de Banco que tem e que representa a soma de 30.000 libras esterlinas, que juntamente com o seu antigo empregado Jean Duval, roubou ontem do Banco de Lombardstreet. . .

No primeiro momento Harcourt e Mabel ficaram suspensos, não acertando em encontrar palavras para responder.

Porém, um instante depois repondo-se o antigo advogado, lançou uma praga e dando um salto arrojou-se sobre a polícia com intenções e gestos muito pouco tranquilizadores.

— Fôra daqui, canalha, miseravel? — gritou tratando de arrojá-lo a polícia para fôra da barquinha. — Fôra. . .

Porém, mr. Brighton tomando-o pelas costas impediu-o de realizar os seus sinistros projectos.

Mabel fez por sua parte quanto poud para apartar o polícia do seu amante, porém, não poud impedir que aquele lançasse violentamente a mão ao bolso do ladrão, conseguindo arrancar-lhe os maços de bilhetes.

Ao dar conta disto, Harcourt converteu-se numa fera indomita.

Em menos dum segundo, sacou o reólvver dis-

parando duas vezes seguidas, uma sobre mr. Brighthorn outra sobre o policia.

Este agachou-se com rapidez.

A bala passou roçando pela sua cabeça; quanto a mr. Brighthorn foi menos afortunado.

Ferido no peito, tinha caído no sólo da fragil barquinha.

Seguiu-se a isto, uma luta tremenda, luta de corpo a corpo entre Sherlock Holmes e Harcourt.

O segundo tinha indubitavelmente vantagem sobre o primeiro, tanto mais que era secundado pela sua querida Mabel.

Sherlock Holmes compreendeu imediatamente que era impossível resistir ao dois unidos.

O revólver que tinha intentado usar no principio da luta, havia-lhe caído no chão; de maneira que não podia contar com elle por isso que era impossivel perder o tempo necessario em o apanhar.

Que fazer?

Por fim, esgotadas as suas forças, descobriu um pára-queadas que pendia do exterior da barquinha.

Com grande presteza colheu o aparelho, agarrrou-se fortemente ao anel do mesmo e de um salto lançou-se no espaço...

Percorreu alguns metros verticalmente, pois que o pára-queadas não tendo podido ser aberto antes de ser utilizado, permaneceu fechado, mas de pronto a mesma pressão de ar, fez que se abrisse, tendo então uma descensão suave e segura.

Harcourt, louco, desesperado, sem calcular o que fazia, ao vêr que o grande policia se salvava, arrojou-se furiosamente atrás d'elle para o seguir lutando enquanto tivesse alento e matar com elle o segredo...

— Deixa-o — gritou Mabel retendo-o. — Outra vez seremos mais afortunados; outra vez caíra em nossas mãos e pagará com a vida a sua audácia.

— Não — rugiu o bandido cego de ira.

Mabel havia perdido a serenidade.

— Outra vez, outra vez! — gritava ao seu companheiro o qual despresando a morte ia a precipitar-se sobre Sherlock Holmes.

Harcourt não ouvia nem compreendia a sua companhia.

Esta não teve bastante força para susten o peso do corpo d'elle, nem a violência que dera e soltando-se da mão de Mabel, lançou-se para o exterior...

Um grito penetrante: grito de furia e horror se ouviu no espaço. . . e o criminoso passou como súa por diante de Sherlock Holmes.

Ele mesmo se sentenciou á morte.

Quando, decorridos alguns segundos o policia chegou são e salvo ao sólo, encontrou a poucos passos o corpo de Harcourt completamente despedaçado.

Astucia feminina

O policia conseguiu entregar ás autoridades um dos criminosos: e segundo jazia morto a seus pés,

porém, o terceiro, a suposta miss Soung estava ainda em liberdade.

— Terá de triunfar esta miserável mulher? — dizia para si Sherlock Holmes — Que terá sucedido depois no globo?

Fortemente agitado permanecia com a vista fixa no globo, quando surpreendido pelo ruido dum automovel que chegava.

Os excursionistas tinham reconhecido, o inevitavel mestre, parando seguidamente com o veiculo.

Ao aproximar-se viu com satisfação que nelle vi-nham o seu amigo Harry Taxon e o sargento Brown de Scotland Yard.

Harry felicitou efusivamente seu mestre pelo exito obtido na excursão aerea, enquanto o sargento apurava o ouvido com a bóca aberta.

— Surpreendente! sr. Holmes. — exclamou emocionado. — E uma nova façanha que nenhum policia do mundo era capaz de fazer.

«E diz o sr. que há duas pessoas no globo?

Que fazer para apanhar o terceiro cumplice? talvez seja melhor subir-mos outra vez para o nosso automovel e comunicar-mos com a estação telegráfica próxima,

— Mestre — exclamou Harry, — logo lhe contarei como viemos por aqui.

— Está bem — respondeu Holmes subindo para o automovel. — Hei-de gostar de sabe-lo, pois tenho curiosidade que me explique sempre o que fazes por tua conta.

«Durante uma hora ainda teremos bastante luz para vêr.

«Não percamos de vista o aerostato. Parece-me que vai a baixar.

Como um metéoro o veiculo seguia a fugitiva atravessando campos e estreitos caminhos; o globo ia acentuando a sua descensão.

— Devemos encontrar-nos nas cercanias de Boston — disse o policia. — Aqui, á direita já se vê o mar.

«Agora Harry, podes começar a satisfazer a minha curiosidade e explicar-me como Mr. Brown e tu vieram ao meu encontro.

— Poucas palavras bastarão — respondeu o jovem.

«Depois de termos levado Saillord a Scotland Yard sem incidente algum, não nos ocorreu nada melhor que seguir o senhor no parque, onde devia verificar-se a ascensão.

Ali fui testemunha do seu atrevido numero de gymnastica

Por acaso encontrei o nosso amigo Brown entre o publico e prontamente subimos para o automovel para o ajudar se se apresentasse a oportunidade.

— Andaste perfeitamente — replicou o policia — Mas, agora atenção; o globo vai tocar na terra: ser-nos-ha facil acabar com o terceiro da quadilha.

O auto atravessou um bosque, em cuja parte posterior parecia haver caído o aerostato.

Com effeito, perto do bosqu-, a poucas milhas das primeiras casas de Boston, estava, o «Stella», recostado sobre a relva e tanto vazio.

Longe da barquinha jazia no sólo um pessoa que aparentemente pertencia ao sexo feminino.

Mui perto dali se levantavam os muros do cemitério.

Tinha acabado de efectuar se um enterro, pois que pelo caminho ia um coche funebre, em direcção á povoação.

As numerosas pessoas que acompanhavam o sequito tinham-se aproximado pressurosas do globo caído.

Rápidamente e antes que chegassem os companheiros do morto, acerrou-se o policia do globo.

Mas qual não foi a sua surpresa quando viu que o individuo que jazia no sólo, vestido com as roupas de Soung, não era outro senão Brighton, o capitão do «Stella»

Havia perdido o conhecimento.

Da mulher não se via o menor vestígio.

— Não me parece senão que o diabo se meteu em obscurecer o assunto — exclamou o policia enquanto procuravam reanimar o ferido.

Mister Brighton, ferido e privado de forças, havia pedido á criminoso que puxasse a corda da da valvula a fim de fazer descer o globo, porém, ela, com o horror do desespero pintado no rosto, obrigou-o a despojar-se das suas roupas para substitui-las pelas suas.

Quando o aerostato chegou a poucos metros do sólo, Mr. Brighton apenas viu que miss Soung saltava para o exterior do mesmo emquanto os empregados estavam occupados no cemitério.

Depois disto não viu mais pois que o choque a barquinha deu no sólo, o privou de todo o conhecimento.

O automovel, governado pela habil mão de Sherlock Holmes passando por entre os transeuntes que circulavam em t das as direcção, não tardou em cruzar algumas ruas e encontrar a mesma em que ia o coche funebre.

No final desta rua encontra-se um caudeloso rio e uma ponte levadiça sobre o mesmo, que permite o transito rodado e o fluvial.

Naquella occasião estava levantada a ponte para deixar passar uma embarcação e alguns transeuntes juntamente com vários coches e carros, tiveram que parar ante a ponte: entre os ultimos se encontrava o que interessava o policia.

Sherlock Holmes deixou a Harry o cuidado do automovel e saltando elle, começou a andar para percorrer a pé a curta distancia que o separava da sua fugitiva.

A ponte levadiça continuava levantada.

O policia descobriu algures as cortinas do coche funebre, pois no mesmo instante começou a correr

Ao apparecer a cara do policia no interior do coche, Mabel saltou pelo lado oposto começando a correr. Era a ultima tentativa, a ultima salvação.

Não obstante, miss Soung ponde escapar á perseguição de Holmes.

A jovem vestida de homem, trepou como um gato pelo gradeamento da ponte: ao chegar á parte superior, deu um salto, indo cafr em cima da ponte dum barco que naquella instante passava.

O policia compreendeu que não havia tempo a perder. Sem vacilar trepou tambem pelo gradeamento, chegando a parte superior poucos momentos depois da mulher: a situação era demais comprometedora: o barco quasi já tinha passado completamente.

De todos os modos arriscou o salto. Pouco faltou para que não batesse contra o pilão de ferro da ponte, porém, havia calculado bem a distancia; ponde agarrar-se á varanda da coberta, pela parte da poupa.

Alguns tripulantes que haviam presenciado emocionados parte da scena, correram pressurosos a ajudar o policia a subir para bordo.

O habil Sherlock Holmes explicou-lhe o seu proceder em poucos minutos.

Puzeram-se todos a procurar a aminosa creatura e em breve a encontraram.

Tinha ido refugiar-se no armazem dos materiaes, acorcorando-se atrás de uma enorme pilha de verga e madeira.

Seguido de uma multidão imensa que se tinha reunido na margem do rio, Sherlock Holmes conduziu a sua prisioneira até ao automovel; voltaram atrás recolhendo tambem o policia Browe que entretanto tinha corrido a dar parte ás autoridades do que acabava de succeder.

No dia seguinte Mabel foi acompanhada a Scotland Yard.

Todos celebravam e louvaram o trabalho do tão grande policia.

Mabel Soung, foi condenada a largos anos de trabalho forçado: Saillord «o diabo ruivo» acabou na forca a sua carreira criminoso e enquanto a Harcourt, recebeu sepultura junto do muro do cemiterio, perto do sitio onde se tinha despedaçado.

O crime de Lombard-street ficou completamente vingado com a pena de varios anos de prisão applicada a Lizy, a infiel criada de quarto da casa de mr. Forster. Naturalmente, ninguém podia restituir a vida ao pobre mr. Rusk, mas o generoso banqueiro, tanto quanto possivel, mitigou a dôr da familia.

Assinalou-lhe uma renda vitalicia de algum va lór, e elevou mr. Franklin á categoria de guarda livros do estabelecimento

Pouco tempo depois, Franklin e Margarida Rusk, uniam se em indissolavel laço perante Deus.

F I M

LER NO PROXIMO NUMERO:

O CONTRABANDISTA DE OPIO

HISTORIA DE ALADIN *ou a Lampada maravilhosa*

A MAIS INTERESSANTE HISTÓRIA PARA AS CRIANÇAS
EXTRAIDA DOS CONTOS ARABES — AS MIL E UMA NOITES

Esta notavel obra, profusamente ilustrada, com perto de 150 páginas,
é o encanto das crianças e dos adultos

1 enredo maravilhoso e surpreendente e as surpresas que com o simples esfregar numa velha lampada, consegue ALADIN tudo o que ambiciona, é no conjunto a felicidade sonhada pela humanidade, no sonho feliz de possuir uma varinha do condão!

História que os adultos gostam de lêr,
e as crianças ficam maravilhadas ao rubro.

1 VOLUME COM LINDA CAPA A CORES..... 3\$00



A' venda nas Tabacarias e Quiosques de Lisboa e Porto, e na
EMPRESA LITERARIA UNIVERSAL

RUA DA ERA, 17

anco Histórias para os nossos filhos!

ÃO HISTÓRIAS CHEIAS DE GRAVURAS A CÔRES EM MAGNIFICO PAPEL,
SEPARADAS UMAS DAS OUTRAS CADA UMA..... \$80

TITULOS DAS HISTÓRIAS

História do Gigante Negro

História do João Estragado

Aventuras de Manecas

História do Galo das 4 pernas

História do Alfaiate de Bagdag

CADA HISTORIA.... \$80!!!

A' venda nas Tabacarias e Quiosques